

COLEÇÃO *Alpha*

**EMERGÊNCIAS  
CONTEMPORÂNEAS:**  
pandemia, distanciamento  
e arte em Agamben

ORGANIZAÇÃO

Nara Cristina Santos

**PPGART**  
editora

COLEÇÃO *Alpha*

**PPGART**  
editora

# EMERGÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS: pandemia, distanciamento e arte em Agamben

ISBN: 978-65-88403-09-9

## ORGANIZAÇÃO

Nara Cristina Santos (UFSM)

## REVISÃO

Natascha Carvalho

## PROJETO GRÁFICO

Evandro Bertol

## IMAGEM DA CAPA

Rosangella Leote

## UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

*Reitor* Paulo Afonso Burmann

*Vice-reitor* Luciano Schuch

## CENTRO DE ARTES E LETRAS

*Diretor* Claudio Antonio Esteves

*Vice-diretora* Cristiane Fuzer

## COMISSÃO EDITORIAL PPGART

*Diretora* Darci Raquel Fonseca

*Vice-diretora* Reinilda de Fátima Berguenmayer Minuzzi

## CONSELHO EDITORIAL

Andréia Machado Oliveira

Camila Linhati Bitencourt

Darci Raquel Fonseca

Gisela Reis Biancalana

Karine Gomes Perez Vieira

Nara Cristina Santos

Rebeca Lenize Stumm

Reinilda de Fátima Berguenmayer Minuzzi

Rosa Maria Blanca Cedillo

## CONSELHO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO

*COORDENAÇÃO DE EDITORAÇÃO:*

Altamir Moreira

Helga Correa

*COORDENAÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO:*

*Secretaria:* Camila Linhati Bitencourt

*Financeiro:* Daiani Saul da Luz

## CONSELHO TÉCNICO-CIENTÍFICO

Afonso Medeiros (UFPA)

Cleomar Rocha (UFG)

Eduarda Azevedo Gonçalves (UFPEL)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UNB)

João Fernando Igansi Nunes (UFPEL)

Giselle Beiguelmann (USP)

Helena Araújo Rodrigues Kanaan (UFRGS)

Maria Luisa Távora (UFRJ)

Maria Beatriz Medeiros (UNB)

Mariela Yeregui (UNTREF)

Maria Raquel da Silva Stolf (UDESC)

Milton Terumitsu Sogabe (UNESP)

Paula Cristina Somenzari Almozara (PUC/Campinas)

Paula Ramos (UFRGS)

Paulo Bernardino (PT, Univ. Aveiro)

Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS)

Paulo Silveira (UFRGS)

Rachel Zuanon Dias (UNICAMP)

Regina Melim (UDESC)

Regilene Aparecida Sarzi Ribeiro (UNESP)

Sandra Makowiecky (UDESC)

Sandra Terezinha Rey (UFRGS)

Vera Helena Ferraz de Siqueira (UERJ)

E53 Emergências contemporâneas [recurso eletrônico] : pandemia, distanciamento e arte em Agamben / organização Nara Cristina Santos. – Santa Maria, RS : Ed. PPGART, 2020.

1 e-book. – (Coleção Alpha)

ISBN 978-65-88403-09-9

1. Artes visuais 2. Agamben, Giorgio – Pandemia 3. Pandemia – Agamben, Giorgio I. Santos, Nara Cristina

CDU 7.01

©Todos os direitos desta edição estão reservados à Editora PPGART.

Av. Roraima 1000. Centro de Artes e Letras, sala 1324.

Bairro Camobi | Santa Maria / RS

(55) 3220-9484 | (55) 3220-8427

[editorappgart@ufsm.br](mailto:editorappgart@ufsm.br)

<http://coral.ufsm.br/editorappgart/>

Ficha catalográfica elaborada por Alenir Goularte CRB-10/990

Biblioteca Central - UFSM

# Sumário

<b>Prefácio .....</b>	<b>5</b>
Darci Raquel Fonseca	
<b>Apresentação .....</b>	<b>6</b>
Nara Cristina Santos	
<b>Revisitando Agamben em dias de pandemia .....</b>	<b>7</b>
Ceila Teresinha Bitencourt	
<b>O vírus que nos assola na contemporaneidade .....</b>	<b>12</b>
Cristina Landerdahl	
<b>Covid-19: uma consciência planetária emergente .....</b>	<b>18</b>
Kalinka Mallmann	
<b>Ressignificação de si: o isolamento social por Agamben .....</b>	<b>22</b>
Marcella Nunes Rodrigues	
<b>“Contaminante espectral”: um temor contemporâneo .....</b>	<b>27</b>
Matheus Moreno dos Santos Camargo	
<b>(Re)posição do sujeito contemporâneo em tempos de distanciamento .....</b>	<b>32</b>
Milena Duarte Corrêa	
<b>Dispositivo e sujeito no pensamento de Giorgio Agamben .....</b>	<b>37</b>
Tainan Silva do Amaral	
<b>Fogo e sopa de mocotó: que não veio de Wuhan .....</b>	<b>42</b>
Valdemir de Oliveira	
<b>Autores .....</b>	<b>46</b>

# Prefácio

Darci Raquel Fonseca

A coleção Alpha inicia propondo uma reflexão sobre a pandemia em Agamben e reúne textos dos doutorandos do PPGART/UFSM. Este primeiro volume nos convida a pensar a partir da publicação *Sopa de Wuhan*, de quem somos contemporâneos. Como pensar é também agir, esta coleção tem por vocação acolher as pesquisas pensadas e trabalhadas pelos estudantes de doutorado com apoio e organização dos professores do PPGART/UFSM.

Criar esta coleção deu-me a certeza de oferecer um espaço para o pensamento como ação. Nesse sentido, “Emergências contemporâneas, pandemia, distanciamento e arte em Agamben” nos leva a pensar esse mundo em crise epidêmica em consequência da Covid-19, bem como enfrentar esse momento através de ações artísticas. Com organização de Nara Cristina Santos, os textos reunidos fazem deste e-book uma obra que interessa a todos nós, contemporâneos da grave pandemia jamais conhecida, centrando o pensamento na emergência de nossas ações convulsionadas e, ao mesmo tempo, reconfiguradas não sem a resiliência necessária ao enfrentamento deste inimigo invisível que hoje afeta o mundo.

Neste contexto, a coleção Alpha é inaugurada com uma publicação que nos coloca no seio de questões do cotidiano com a qualidade do projeto gráfico realizado por Evandro Bertol, primeiro passo na expectativa de futuras publicações dos doutorandos que gratifiquem nosso programa. A coleção Alpha está aberta para organização a todos os docentes do PPGART, com o objetivo de valorizar as pesquisas realizadas e, ao mesmo tempo, torná-las acessíveis a um público estendido.

Na direção da Editora PPGART e como idealizadora da coleção Alpha, agradeço a todos que trabalharam para que esse exemplar inaugural tenha se concretizado, particularmente aos autores que exploraram os desafios impostos pela pandemia em 2020.

# Apresentação

Nara Cristina Santos

Esta publicação inaugura a Coleção Alpha! Trata de uma leitura das considerações de Agamben sobre a pandemia, no início de 2020. Desde seus artigos conjuntos com outros teóricos em “Sopa de Wuhan: pensamento contemporâneo em tempos de pandemias”<sup>1</sup>, até seu livro “Reflexões sobre a Peste: ensaios em tempos de pandemia”, ele coleciona uma série de críticas pelo seu olhar filosófico, pouco científico, a tratar de questões de saúde pública, como a Covid-19. Neste debate, que “não é médico-científico, e sim filosófico-político”<sup>2</sup>, Agamben manifesta-se coerente ao seu pensamento, mas distanciado da vida como ela é e do mundo que ele pretensamente tenta explicar, equivocadamente, no caso da pandemia.

Este livro “Emergências Contemporâneas: pandemia, distanciamento e arte em Agamben” reúne textos de oito jovens autores: Ceila Teresinha Bitencourt, Cristina Landerdahl, Kalinka Malmann, Marcella Nunes Rodrigues, Matheus Moreno Camargo, Milena Duarte Corrêa, Tainan Silva do Amaral e Valdemir de Oliveira. Doutorandos do PPGART/UFSM, eles aceitaram a proposta lançada em um seminário específico para uma aula da disciplina “Arte contemporânea: questões emergentes”, sob minha responsabilidade, no primeiro semestre de 2020, de março a junho online em REDE<sup>3</sup>. A publicação compartilha olhares distintos que em alguns momentos se aproximam e se complementam, pois cada ensaio configura-se como um capítulo e apresenta, portanto, uma maneira inicial de discutir Agamben.

Considera-se apropriado publicá-los por dois motivos: primeiro porque Agamben, como outros teóricos no início da pandemia, em que pouco se sabia do contexto causador e das consequências, se posicionou de modo enfático e equivocado. Alguns já se reposicionaram, outros seguem mantendo suas ideias. Segundo, porque ainda em setembro, com a pandemia sem previsão de fim e a vacina sem perspectiva de chegada, Agamben seguia defendendo as suas ideias, o que nos leva perguntar: como entender o seu pensamento tão motivador para discutir a arte contemporânea, ao mesmo tempo tão desconectado da contemporaneidade do mundo pandêmico?

---

1 *Sopa de Wuhan: pensamento contemporâneo em tempos de pandemias*. 1ª edição. Buenos Aires: ASPO, 2020.

2 Carla Rodrigues in: AGAMBEN, Giorgio. *Reflexões sobre a Peste: ensaios em tempos de pandemia*. São Paulo: Boi tempo, 2020.

3 Regime de Exercícios Domiciliares Especiais, planejamento adotado pela UFSM durante a pandemia.

# Revisitando Agamben em dias de pandemia

Ceila Teresinha Bitencourt

Em março de 2020, foi realizada uma coletânea de textos de pensadores contemporâneos, os quais se posicionaram a respeito da situação atual em que o mundo é acometido pela pandemia de coronavírus. Cabe mencionar que interessa aqui trazer o posicionamento do filósofo italiano Giorgio Agamben (1942- ).

Agamben, nesta publicação *Sopa de Wuhan*, dispara que são exageradas, irracionais e inteiramente injustificadas, as medidas de emergências para uma suposta pandemia devido ao coronavírus. Segundo ele, torna-se necessário partir das declarações do CNR (Conselho Nacional de Investigação) que defende não existir nenhuma pandemia na Itália, e que, de qualquer forma, estima-se que apenas 4% dos pacientes requerem hospitalização com cuidados intensivos.

O filósofo questiona se esta é a situação real, uma vez que os meios de comunicação e as autoridades se esforçam para divulgar um clima de pânico, provocando um verdadeiro estado de exceção com sérias consequências como privações/limitações dos movimentos (ir e vir) e suspensão do funcionamento normal das condições de vida e de trabalho em localidades inteiras.

Conforme Agamben, há uma crescente tendência a utilizar o estado de exceção como paradigma usual do governo. Sérias e variadas são as restrições à liberdade previstas no decreto-lei aprovado pelo governo, entre elas: a expulsão do município, proibição de acesso ao município, suspensão de eventos ou iniciativas de qualquer natureza, suspensão de serviços educacionais em escolas de todos os níveis e graus, suspensão de entrada do público em museus e lugares culturais, aplicação da medida de quarentena com vigilância ativa, etc.

Agamben destaca que é surpreendente a desproporção frente ao que, de acordo com a CNR, é uma gripe normal, não muito diferente das que se repetem a cada ano. Parecia que, havendo esgotado o terrorismo como causa das medidas excepcionais, a invenção de uma pandemia poderia oferecer o pretexto ideal para estendê-la além de todos os limites.

Para o filósofo, outro fator, não menos inquietante, é o estado de medo que evidentemente tem avançado nos últimos anos nas consciências dos indivíduos e que se traduz numa necessidade real de estado de pânico coletivo, aos que a pandemia volta a oferecer o pretexto ideal. Assim, num círculo vicioso perverso, a limitação/restrrição da liberdade imposta pelos governos é aceita em nome de um desejo de segurança.

Agamben aponta que uma das consequências mais desumanas do pânico, que se busca por todos os meios propagar na Itália durante a chamada pandemia do coronavírus, é a ideia de contágio que está na base das medidas excepcionais de emergência adotadas pelo governo. O filósofo acrescenta que, na sua opinião, ainda mais triste do que as limitações das liberdades é o impacto nas relações entre as pessoas (até mesmo entre pessoas queridas) na medida em que não podem se aproximar uma das outras e devem manter uma distância de 4,5 metros.

Segundo Agamben, deve-se refletir sobre a facilidade com que toda uma sociedade aceitou sentir-se atormentada, isolando-se em casa e suspendendo suas condições normais de vida, suas relações de trabalho, amizade, amor e também suas crenças religiosas e políticas. Poderia aqui trazer o conceito de dispositivo<sup>1</sup> do próprio Agamben: passa a ser qualquer coisa que seja capaz de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e garantir os gestos, os comportamentos, as opiniões e os discursos dos seres vivos. Pode-se também dizer que o dispositivo é um conjunto de estratégias de relações de força que condicionam determinadas variedades de saber e por ele são condicionados. Ao considerar a ideia do filósofo de que as pessoas aceitaram passivamente as medidas excepcionais/restritivas impostas pelos governos, pode-se dizer que estas medidas serviriam como dispositivos, com o objetivo de sujeição dos indivíduos às diretrizes do poder.

O filósofo diz que, na situação atual, os discursos dos meios de comunicação (sobretudo, a imprensa) traz, de modo obsessivo, a palavra “apocalipse” para descrever o fenômeno e com frequência evoca

---

1 AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Tradução Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.



claramente o fim do mundo. É como se a necessidade religiosa, que a igreja já não é capaz de satisfazer, buscara outro lugar no qual de fato tenha se convertido na religião do nosso tempo: a ciência. Esta, como qualquer religião, pode produzir superstição e medo ou, em qualquer caso, ser usada para difundi-los.

Após a divulgação da *Sopa de Wuhan*, aconteceu uma crítica dilacerante a respeito dessa coletânea que reuniu diversos interessados (como, por exemplo, coletivos em defesa das causas antirracistas) que enviaram um comunicado direcionado à editora e ao editor a fim de que alterassem a imagem da capa e o título para evitar que discursos racistas fossem eternizados.

Para os autores do referido comunicado, a capa de um livro não é menos importante que seu conteúdo. Se o conteúdo for pressupostamente analítico, reflexivo e crítico com os tempos da pandemia, a capa deve ser consistente com essa linguagem. No entanto, a capa encobre o perigo de reproduzir um discurso reducionista, neste caso, através de uma ilustração que se refere a uma falsa origem apontada massivamente pela mídia e reproduzida acriticamente nas redes. E ainda por cima, um simples jogo de palavras para um título, que gera imagens estanques e coisifica o motivo e culpa a sopa, é complementado pela imagem de morcegos<sup>2</sup> e se situa na localidade geográfica de Wuhan.

Convém discorrer um pouco mais sobre o racismo em época da pandemia. Cabe aqui comentar sobre o fato dos chineses terem sido apontados como os responsáveis pela origem e disseminação do vírus, ou seja, por ter supostamente surgido lá, em Wuhan, o coronavírus/ Covid-19 por meio da sopa de morcego. Aponta Mautone (2020) que o povo asiático foi transformado em bode expiatório. No final dos anos 1970, por exemplo, com o surgimento da Aids, o bode expiatório foram os homossexuais, pensamento que persiste ainda hoje, em menor proporção, nas políticas de doações de sangue. Mautone ressalta que se é preciso, considerando o momento crítico que se vive atualmente com a pandemia, recomeçar de novo, que não seja pelo racismo e pela desigualdade.

Destaca-se que, diante de um período tão sensível, em que os relacionamentos, vidas, espaços, tempos e motivações são transformados à força, talvez algo sensato a ser feito é questionar e problematizar

---

2 A imagem original da capa é de Ernst Haeckel cujas obras serviram de referência e justificativa para o racismo, o nacionalismo e o darwinismo social e estavam na base das teorias racistas do nazismo.

esse discurso e não reproduzi-lo. Ainda, conforme os responsáveis pelo comunicado, talvez, dessa maneira, possa-se avançar para uma transformação no modo como a humanidade opera. Possivelmente, assim veja-se que a localização geográfica da origem de um vírus não exime ninguém da responsabilidade porque todos fazem parte do sistema capitalista. Provavelmente, reconhecendo a corresponsabilidade em primeira instância, seria realmente algo transformador.

Diante do exposto, foi solicitado à ASPO Editorial e ao diretor de arte, design e edição, Pablo Amadeo, que fosse retirado o título e o design atuais da compilação de escritos de pensadores contemporâneos e alterado-o para que os discursos racistas não sejam mais perpetuados.

É conveniente trazer aqui o conceito de “contemporâneo” por Agamben, em uma de suas obras<sup>3</sup>. Ele menciona que é realmente contemporâneo aquele que não corresponde de modo perfeito com seu tempo, nem se adequa às suas pretensões e é, assim, nesta perspectiva, inatual. Entretanto é devido a isso, a esse deslocamento e anacronismo, que ele tem a capacidade, mais do que os outros, de ver e apreender o seu tempo. As pessoas que coincidem inteiramente com a época e que em todos os pontos de vista se aderem perfeitamente a esta, não são contemporâneos justamente porque não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela.

Considerando o apresentado, referente ao que é o contemporâneo segundo Agamben, acredito que ir contra tudo o que está acontecendo, contrariar as comprovações (números de contágios e óbitos) não é ser contemporâneo, é ser insensato. Uma coisa é questionar, não ser passivo, não correr para o mesmo lado só porque todo mundo está indo naquela direção; outra coisa é ir contra todas as evidências. Isso não quer dizer que se deve acatar todas as medidas e decisões que estão sendo tomadas pelos governantes pelo mundo todo, ou seja, deve-se ponderar/refletir e construir suas próprias conclusões. Porém, existe uma distância enorme entre aceitar e acreditar: eu posso não aceitar o modo como as coisas estão sendo conduzidas, mas acredito que a pandemia está aí e fazendo estrondosos números de mortos a nível global. Agora, dizer que tudo não passa de uma invenção e propagação de pânico em torno de interesses alheios dos governos é um desrespeito às milhares de vítimas dessa pandemia. Compartilho da ideia de que todos somos responsáveis pelo hoje e pelo que virá, ou seja, cabe

---

3 AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

a cada um de nós agir com maturidade e consciência não porque estão dizendo ou impondo, mas pelo o que acredito em meu nome e em nome das outras pessoas com as quais divido o planeta e que também merecem ter uma chance de se manterem vivas.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

AGAMBEN, Giorgio *et al.* *Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias*. 1ª edição. Buenos Aires, Argentina: ASPO, 2020.

MAUTONE, Guilherme. Racismo e desigualdade são destacados por principais filósofos da atualidade em e-book gratuito sobre a Covid-19. Gaúchazh, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3fD9s7Z>>. Acesso em: 09 jun 2020.

# O vírus que nos assola na contemporaneidade

Cristina Landerdahl

“De quem e do que somos contemporâneos?  
E, antes de tudo, o que significa ser contemporâneo?”  
Giorgio Agamben

Nos tempos atuais, mesmo antes da pandemia, observa-se contaminação por todos os lados: pode ser por meio de vírus e bactérias que contaminam o organismo; por ideias e informações que proliferam medo e pânico; ou por meio de notícias, verdadeiras ou não, divulgadas nos meios de comunicação e internet. Com relação à realidade pandêmica vivida no mundo em 2020, o vírus Sars-CoV-2 foi descoberto em 31 de dezembro de 2019, com o registro dos primeiros casos na cidade chinesa de Wuhan (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020b). Para poder proteger a população do contágio e da disseminação do novo coronavírus, governos da grande maioria dos países do mundo todo adotaram medidas de distanciamento social ou confinamento, privando os cidadãos do convívio de maneira mais ou menos flexível, criando estados de exceção.

Nestas várias semanas de distanciamento social, o que virou rotina foi a desconstrução daquilo que conhecíamos como normalidade. A relação com o tempo também se modificou. Existe tempo demais para estar dentro de casa, e pouco tempo para a realização de todas as atividades. Assim como existem aqueles que estão privados do seu trabalho por não conseguirem realizá-lo de maneira remota. Ou ainda, os profissionais que mesmo em meio à pandemia necessitam continuar suas jornadas laborais, pois fazem parte da porção essencial de serviços prestados à sociedade.

Em qualquer dos casos, as configurações do dia-a-dia estão sendo reprogramadas para a convivência em espaços domésticos rigidamente

higienizados, que servem de lugar para o trabalho, exercício físico, aprendizagem e lazer de toda a família. Estamos vivenciando modificações que deverão refletir em um futuro bem próximo, a construção de uma nova normalidade. Os momentos isolados podem nos levar ao desvario da convivência íntima, e de rever posicionamentos e aquisições guardadas entre tantos pensamentos supostamente contemporâneos. Este confinamento também aumentou consideravelmente o uso da internet, das horas de navegação, do uso do computador e das redes para atividades profissionais e escolares, para que pudéssemos manter o contato com o que acontece fora do ambiente isolado. Nossas telas tornaram-se janelas para o exterior, o que resulta em uma enorme e abrangente coleta de dados informáticos e de geolocalização para mapeamento de circulação e permanência de pessoas nas cidades, entre outras informações que talvez nunca traduzam a real dimensão do que se está reunindo.

Em 26 de fevereiro deste ano, por coincidência foi o dia da notificação do primeiro caso de coronavírus no Brasil (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020a), Giorgio Agamben publica *L'invenzione di un'epidemia* no blog da editora italiana *Quodlibet*<sup>1</sup>. No texto, questiona as medidas tomadas na época, na Itália, caracterizando-as como “frenéticas, irracionais e totalmente imotivadas [...]” (AGAMBEN et al., 2020, p. 17), assegurando que “a mídia e as autoridades estão se empenhando em espalhar um clima de pânico, provocando um verdadeiro e próprio estado de exceção” (AGAMBEN et al., 2020, p. 18), e desta maneira, limitando as condições de trabalho e vida da população. Três dias antes da publicação de Agamben, no dia 23 de fevereiro<sup>2</sup>, as primeiras cidades italianas foram colocadas em quarentena, e até então as informações difundidas não tinham referenciais que pudessem servir de suporte para proposições conclusivas. Ainda hoje, metade do mês de julho, não é possível sustentar teses definitivas, pois não existe tempo suficiente de análise da doença e estudo de efeitos que possibilite analisar as consequências nos pacientes recuperados, para então indicar um tratamento eficaz. Mas há pesquisas para vacinas em andamento.

Ao ler o texto de Agamben, recordei o efeito Dunning-Kruger<sup>3</sup> (KRUGER & DUNNING, 1999), que trata da incapacidade das pessoas em

---

1 Disponível em: <<https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-l-invenzione-di-un-epidemia>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

2 Disponível em: <<https://bit.ly/2OtytH3>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

3 David Dunning e Justin Kruger eram professores e pesquisadores na Universidade de Cornell, situada no estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos, e publicaram um artigo científico em 1999 sobre o assunto.

identificar a sua própria falta de conhecimento em determinada área ou assunto, e mesmo assim considerar-se habilitado em emitir posicionamentos contundentes sobre isto. Então me pergunto: qual a garantia de que eu também não estaria incorrendo neste mesmo equívoco, de certa forma, contestando o texto do filósofo italiano em questão?

Considero que as palavras escritas por Agamben foram um tanto ferozes e acredito que ele não imaginaria que o panorama italiano e mundial se tornaria tão complexo e com tantas vidas perdidas. *L'invenzione di un'epidemia*, junto com *Contagio* e *Rifessioni sulla peste*, com publicação em 11 e 27 de março, respectivamente, fazem parte da coletânea digital *Sopa de Wuhan* (AGAMBEN et al., 2020), junto com textos de outros autores contemporâneos. Este livro recebeu algumas contestações, a começar pelo desenho da capa que, do ponto de vista daqueles que assinam o “comunicado para ASPO (editora) e Pablo Amadeo (editor)”, “dissemina o perigo de reproduzir um discurso reducionista e essencialista”<sup>4</sup>. Além disso, a autora Judith Butler pediu a exclusão de seu texto do *ebook*, pois “a editora não havia solicitado permissão para sua publicação, nem sequer para a tradução.”

O filósofo italiano continuou escrevendo sobre a pandemia e publicando no blog *Quodlibet*, e acabou por lançar no dia 09 de julho o livro *A che punto siamo? L'epidemia come politica*<sup>5</sup>, com 16 textos escritos do final de fevereiro até então. O autor detalha, no desenrolar dos textos, algumas questões relativas à emergência sanitária que o mundo enfrenta e algumas consequências sociais e políticas nas democracias ocidentais. Agamben compara este estado disruptivo com “uma verdadeira militarização”<sup>6</sup> (AGAMBEN, 2020, pos. Kindle 88), resultando no fechamento das áreas e municípios que apresentam algum infectado e cerceamento do sujeito.

Julgo necessário o cuidado com o contágio do vírus, principalmente para organização do sistema de saúde a fim de atender aos que necessitem maior atenção e cuidado. Então, se é inevitável, porque não usar este período de isolamento para aprofundar e tomar distância, buscar na escuridão do presente a fixação do olhar? Pois, assim define o mesmo autor o nosso tempo: “A contemporaneidade [...] é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias” (AGAMBEN, p. 59, 2009).

---

4 Disponível em: <<https://rb.gy/0gxxiv>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

5 Disponível em: <<https://bit.ly/3hgFt6l>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

6 Este texto foi escrito em 17 de março de 2020, dia em que a OMS sugere o fechamento das fronteiras entre países (AGAMBEN, 2020, pos. Kindle 184).

Acredito que Agamben está buscando evidenciar a passividade da população frente ao perigo da perda da vida, juntamente com as diversas políticas de vigilância que estamos sujeitos, colocadas atualmente como uma necessidade de biossegurança, mas que acaba borrando mais um pouco da liberdade do indivíduo, que é cada vez menos individual e mais visto como parte da massa da população. Considero também, que as teses foram expostas de maneira equivocada, ou ao menos incompletas, deixando margem para interpretações desacertadas e confusas, como descrito por ele mesmo no terceiro texto escrito durante a crise pandêmica, intitulado *Esclarecimentos* (AGAMBEN, 2020, pos. Kindle 154).

Rebelar-se somente para ser resistência ao poder estabelecido, muitas vezes tem impactos irreversíveis. No caso desta pandemia, pode-se observar que não é somente uma gripe. Jean-Luc Nancy (AGAMBEN et al., 2020, p. 30) responde a Agamben, afirmando que “existe uma espécie de exceção – biológica, informática, cultural – que nos pandemiza. Os governos não são mais do que tristes executores da mesma, e calar-se com eles é mais uma manobra de distração do que uma reflexão política”.

A desconstrução da normalidade, como até então se configurava, pode ser a tentativa de contenção da contaminação, principalmente daquelas pessoas com a saúde mais vulnerável. Não discordo que a situação apresenta-se como excelente oportunidade de restrição social e dispersão de ideias, através do controle do contato pessoal por parte do Estado. Mas se entendermos o contemporâneo como “camaradas do tempo” (FOSTER, 2015), talvez fosse necessário buscarmos alternativas de mobilização e transmissão de informações que pudessem estar precavidas do tão notável e desconhecido vírus hoje. Nada fácil.

Dar-se conta de que este vírus é nosso contemporâneo nos paralisa pelo medo, por meio de tantas notícias, *fakes* ou não, veiculadas em redes de televisão, nas redes sociais e em qualquer conversa ao vivo ou virtual. Os dados e estatísticas que chegam até nós, baseados em estudos científicos (estatísticos, matemáticos, infectológicos...), nos ajudam na preservação da sociedade como um todo ou do poder estabelecido? Existe confiabilidade nos gestores políticos e nas informações dadas por eles? Deve-se aceitar a situação passivamente ou gerar resistência? Acredito que sejam perguntas sem resposta, pois de cada lado existem aqueles que serão sacrificados em nome de uma linha de pensamento.

Em tempos de polarizações que, no contexto nacional, já vêm acirradas desde as últimas eleições presidenciais, se você não concorda comigo então é contrário a mim. Os países orientais apresentam mui-

tas diferenças com relação aos países ocidentais. Basta observar, por exemplo, a economia, os costumes e as crenças. Qualquer sociedade é construída durante centenas de anos, criando uma memória social própria, com heranças passadas de geração em geração. E, só porque não se está de acordo com o que estamos habituados não significa que seja ruim. Este não deve ser o momento de análise e julgamento dos atavismos orientais perante os ocidentais.

Um dos aspectos que a Covid-19 demonstra é a facilidade dos traslados internacionais em países estrangeiros, que viabilizam a troca de saberes, pensamentos e doenças. Mas, continuo acreditando que há outro vírus que assola a humanidade, que desencadeia o individualismo, a necessidade de nominar culpados, de propagar o pânico, de disseminar informações inverídicas e sem embasamento, de desafogar o medo por meio da violência, que desperta o melhor e o pior em cada um de nós.

Uma nova normalidade está por vir, pois o que passou não volta mais. Estamos conseguindo estruturar uma realidade melhor do que aquela pré-pandêmica? Dentro de todo este contexto que transita do medo à esperança, do ódio à solidariedade, artistas contemporâneos estão criando. O fazer artístico e os espaços expositivos deverão sofrer modificações, como ocorrerá na grande maioria das instituições. Como será a vida real e normal após isso tudo, só saberemos quando tivermos o distanciamento necessário para compreender.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio *et al.* *Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias*. 1ª edição. Buenos Aires, Argentina: ASPO, 2020.

AGAMBEN, Giorgio. Reflexões sobre a peste: ensaios em tempos de pandemia. Boitempo Editorial, 2020. Edição do Kindle.

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

KRUGER, Justin; DUNNING, David. *Unskilled and unaware of it: how difficulties in recognizing one's own incompetence lead to inflated self-assessments*. 1999. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/10626367/>>. Acesso em: 10 jul. 2020.



MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). Brasil confirma primeiro caso da doença. Pub. 26 fev. 2020. Atual. 27 fev. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3fKRmRx>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). Entenda a diferença entre Coronavírus, Covid-19 e Novo Coronavírus. Pub. 11 mar. 2020. Atual. 16 mar. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2DZomYr>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

Notícias UOL (Milão). Cidade onde propagação do novo coronavírus começou na Itália registra novos casos. Pub. 27 mar. 2020. Atual. 06 abr. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2OtytH3>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

# Covid-19: uma consciência planetária emergente

Kalinka Mallmann

O contexto discursivo da arte contemporânea permite transitarmos livremente sob as questões mais urgentes da nossa sociedade. Nessa breve investigação, reflito a partir de uma publicação de março de 2020, intitulada *Sopa de Wuhan*, em que coloco em pauta o posicionamento de Giorgio Agamben<sup>1</sup> e utilizo-me de seus próprios conceitos para embasar minha crítica em relação aos seus textos apresentados nesse livro. Também recorro a outros artigos de outros autores, da mesma publicação, na tentativa de elaborar uma narrativa que desconstrua o que Agamben enfatiza, permitindo outros olhares sob o mesmo tema.

Nesse texto que apresento há uma busca por uma afinidade crítica de pensamento diante da realidade que estamos vivenciando, visto que presenciamos atualmente um estado de calamidade planetária, instaurado por uma pandemia gerada através de um vírus, de força letal, embora que em menor proporção. Porém, não há ainda uma vacina que imunize e proteja efetivamente a população em geral. A velocidade com que esse vírus se espalhou pelo planeta, o qual teve origem na China, é a principal característica que o diferencia de outras infecções virais que convivemos e estamos também sujeitos. E a partir desse contexto pandêmico, em que o mundo inteiro se encontra em resguardo (pois o isolamento social foi uma das medidas que a OMS vem tomando como método que desacelera o contágio em massa e dessa forma evita um colapso do sistema de saúde), a evidência é que praticamente nenhum país do globo está imune a essa realidade.

---

<sup>1</sup> Filósofo italiano, nascido em Roma (1943). A obra de Agamben apresenta estudos literários, linguísticos, estéticos e políticos a partir do contexto crítico da contemporaneidade.

O coronavírus, que provoca a doença Covid-19, atravessou os territórios e as nações e democratizou qualquer divisão entre países desenvolvidos ou subdesenvolvidos. A Covid-19, literalmente, tirou o fôlego dos nossos governos e desestabilizou o sistema, colocando às claras suas fragilidades antigas: um sistema imperante capitalista em detrimento à uma consciência de nível existencial, despreendida de suas amarras. Nesse viés, existe uma analogia coerente para falarmos de sistema no atual contexto pois ambos os sistemas estão sendo afetados. Pensando aqui, na doença de origem biológica e sua presença no nosso sistema (imunológico, respiratório, renal, etc.) e o caos proporcionado ao sistema em que estamos sujeitados (governo, instituições, economia, etc.). Ora, se sem nossos sistemas orgânicos em harmonia não existimos, do mesmo modo, se o sistema em que estamos sujeitados está em desequilíbrio total, nossas vidas serão afetadas diretamente.

Giorgio Agamben (2010) evidenciou nossa sujeição em relação aos sistemas, assim como Vilém Flusser (1985), décadas atrás, nos aproximou da ideia de que todos nós vivemos uma liberdade programada. Nessa acepção, Agamben (2010) considera que a liberdade do indivíduo contemporâneo seria a sua capacidade de “ver no escuro”. Em uma publicação recente (26 de fevereiro de 2020), referente ao contexto social atual, Agamben reforça sua reflexão em relação à sujeição em que nós indivíduos nos encontramos. O autor se posiciona falando de uma “invenção de uma epidemia”, como título atribuído ao artigo que relata que estamos vivendo apenas outras formas de restrição de liberdades (AGAMBEN, 2020). Ele acredita que os meios de comunicação e as autoridades estão difundindo um clima de pânico desnecessário e, de certo modo, conveniente.

O filósofo, que é italiano, atribui essa reflexão ao que considera exagerado, em relação às estratégias de isolamento social adotadas pela Itália. Agamben (2020) discorre que *“la desproporción frente a lo que según la CNR es una gripe normal, no muy diferente de las que se repiten cada año, es sorprendente”*. O autor segue com sua teoria crítica em relação ao sistema, que, segundo ele, havendo exaurido o terrorismo como causa de medidas excepcionais, a invenção de uma epidemia poderia oferecer o pretexto ideal para estender essas medidas, além de qualquer limite aceitável (AGAMBEN, 2020). Note que o autor se refere a uma “epidemia” e não à uma pandemia e, talvez, sua atenção em pretextos políticos o afastou de uma crítica que o aproximasse da situação de risco em que todos estamos experienciando.

Em outro texto<sup>2</sup> de *Sopa de Wuhan*, Giorgio Agamben (2020) enfatiza como desproporcionais as medidas para evitar o contágio em massa da doença, atribuindo que foi implantado um sentimento de culpa e responsabilidade em cada indivíduo, de forma quase que inquisidora. Desse modo, acredito que o autor subverte o sentido de empatia e responsabilidade coletiva, relacionando o isolamento e distanciamento social como uma pesada pena restritiva de liberdade. A mesma característica de subversão pode ser encontrada em *Reflexiones sobre la peste*<sup>3</sup>, em que o autor problematiza as novas condições de convívio social, as quais considera como uma cegueira coletiva. Nesse texto, o autor compara as atitudes dos indivíduos perante à pandemia da mesma forma com que atuam e relacionam-se com suas crenças religiosas. Agamben apresenta a ciência como uma nova religião que necessita de seguidores fiéis, os quais negariam qualquer crítica em relação a uma efetividade real.

A partir dos textos publicados por Giorgio Agamben, nesse contexto pandêmico, considero que há uma insistência, por parte do autor, em encontrar ruídos e desvios, muito mais do que uma abordagem clara, efetiva e necessária para o momento<sup>4</sup>. E diante tais posicionamentos polêmicos de Agamben, *Sopa de Wuhan* apresenta uma contribuição relevante e contraditória, de Jean Luc Nancy. Ambos teóricos são referências as quais utilizo e as considero essenciais para embasar argumentos atrelados à arte contemporânea. E, após ler as publicações de Agamben, as palavras de Nancy surtiram efeito como um abraço: Nancy acolheu-me em minhas reflexões sobre a crise atual que nos assombra. Ele escreve uma resposta direta à posição de Agamben e discorre que *“no hay que equivocarse: se pone en duda toda una civilización, no hay duda de ello”* (NANCY, 2020). O autor se refere à uma espécie de *“excepción viral – biológica, informática, cultural – que nos pandemiza”* em que os governos não seriam mais que *“tristes executores”* e que conflitar com eles seria mais uma *“manobra de distração do que uma reflexão política”* (NANCY, 2020).

Acredito que distintos pontos de vistas diante à crise que se instaura, a partir dessa pandemia, são relevantes e serão, mais ainda, em um momento de *“pós-crise”*. Me parece, assim como o posicionamento crítico de Jean Luc Nancy, que no momento atual, realmente, não cabe distrações. Se faz necessário aceitar que não estamos imunes ao que

---

2 Contágio, de 11 de março de 2020.

3 Também publicado na *Sopa de Wuhan*, escrito em 27 de março de 2020.

4 Estou ciente da sua competência e propriedade intelectual reflexiva e não tenho a intenção de banalizar suas contribuições.

está se passando: o vírus é orgânico e existe, além de qualquer pensamento e crítica em torno do contexto em que ele transita.

A publicação *Sopa de Wuhan*, de março de 2020, traz diversos autores contemporâneos que tratam o tema com uma abordagem crítica similar: golpe ao capitalismo, estratégias de uma ordem mundial, dentre outras abordagens conspiratórias. Tais críticas e posicionamentos são relevantes, mas de modo algum interrompem a velocidade do vírus, tampouco seu risco letal e suas consequências desastrosas em um planeta inteiro, o qual não estava preparado para tal. Nessa perspectiva, assim como Nancy, Gabriel Markus (2020) acalenta meus anseios em encontrar afinidade reflexiva nos autores em que me utilizo enquanto pesquisadora.

Para Markus (2020), a pandemia afeta todos e demonstra que estamos, em escala planetária, unidos por um cordão invisível: nossa condição de seres humanos, pois, diante ao vírus somos efetivamente iguais, mortais e frágeis. Quem sabe, nossa capacidade de “ver no escuro” (AGAMBEN, 2010), nossa destreza em reprogramar aquilo em que “estamos programados” (FLUSSER, 1985), não seria uma consciência capaz de transgredir as questões da nossa sujeição em relação ao sistema e nos posicionarmos enquanto “cosmopolitas de uma pandemia metafísica”? (MARKUS, 2020). Creio que não se trata de encarar os fatos de modo passivo, assim como Agamben nos sugere em seu conceito de “ver no escuro”: em que as células da retina (off-cells) entram em atividade e nos concedem o privilégio de enxergar na escuridão. Porém, acredito que “ver no escuro”, no momento atual, nos requer elevar nossa visão crítica juntamente ao elevar nossa posição de sujeitos sujeitos (inseridos no sistema) à seres existenciais e planetários.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio *et al.* *Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias*. 1ª edição. Buenos Aires, Argentina: ASPO, 2020.

FLUSSER, Vilém. *A Filosofia da caixa preta. Ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo, 1985.

NANCY, Jean Luc. *Excepción viral*. In: AGAMBEN, Giorgio *et al.* *Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias*. 1ª edição. Buenos Aires, Argentina: ASPO, 2020.

# Ressignificação de si: o isolamento social por Agamben

Marcella Nunes Rodrigues

O presente texto é uma reflexão acerca de três comentários do filósofo Giorgio Agamben na Coletânea *Sopa de Wuhan*. O autor traz, em seus escritos, apontamentos sobre as medidas adotadas em decorrência da pandemia provocada pela Covid-19 na Itália e automaticamente no mundo no primeiro trimestre de 2020.

Neste contexto, onde de maneira global enfrentamos um isolamento social em diferentes instâncias, é possível perceber um movimento de reinvenção da própria rotina, do próprio viver. O tempo em que vivemos estabelece suas próprias formas de organização social determinantes dos modos de agir nos grupos de indivíduos que formam algum tipo de coletividade. Agamben (2020), em *Sopa de Wuhan: pensamento contemporâneo em tempos de pandemia*, compartilha dados em porcentagem sobre a quantidade de infectados, mortos e curados da doença na Itália. O índice que Agamben destaca sobre os atingidos pela doença que necessitam de hospitalização é de 4%, por isso, o autor minimiza o pavor da população quando se fala no vírus espalhado pelo mundo. O autor critica a posição dos meios de comunicação frente ao pavor lançado sobre a população em relação às chances de morte por causa do coronavírus. Para ele, a mídia tem provocado pânico geral através das notícias esboçadas 24 horas por dia, gerando um estado de pânico realmente coletivo, que para Agamben, deixou de ser consciente e racional e tornou-se uma manipulação em massa.

Embora seja difícil apreender o movimento rápido e incessante dos acontecimentos dos últimos meses, e suportar as batalhas diárias que se deslocam difusamente por causa da pandemia, o fato é que estamos globalmente enfrentando um vírus invisível. Os dados são apontados diariamente e a Covid-19 tem matado centenas ou milhares de pes-

soas ao redor do mundo todos os dias. Os números de mortes estão em uma crescente incontida. O distanciamento social tem sido defendido desde o início da pandemia como uma das medidas mais eficazes para evitar o contágio. Agamben, no dia 26 de fevereiro de 2020, no seu comentário intitulado *La invención de una epidemia* publicado na *Quodlibet.it*, questiona a ideia de contágio provocado pelo vírus, mostrando duvidar das reais consequências que o coronavírus pode causar a população em geral, já que o autor aponta que são mínimas as mortes provocadas pela pandemia, destacando seu posicionamento contrário aos rígidos padrões restritivos impostos à sociedade.

No dia 11 de março do mesmo ano, Agamben publica novamente uma reflexão intitulada *Contagio*. O autor, neste texto, evidencia o fato de que a liberdade da população passou a ser vigiada. O governo que assina os decretos para amenizar os efeitos do isolamento social é o mesmo que anuncia em tempo integral o estado de calamidade na saúde pública, na economia e em todas as instâncias sociais, transformando cada pessoa em um potencial contaminador que pode estar colocando em perigo toda a população. Para Agamben, a ação midiática também determina muito do que se pensa e como se age a respeito da contaminação.

Ao terceiro comentário de Agamben se dá com o título de *Reflexiones sobre la peste* para seu blog *Una voce*, no dia 27 de março de 2020. Segundo o autor, o mais difícil de todas as questões, as quais estamos vivendo, é o distanciamento social. Estar longe de um ser querido, que talvez até esteja doente, deixa o ser humano ainda mais fragilizado diante de todos os acontecimentos atuais. O modo de diminuir esse distanciamento é a utilização das máquinas, que vão substituindo os contatos, já que a ordem é para que todas as reuniões, aulas, encontros, sejam on-line. Agamben afirma que o distanciamento e o isolamento social podem ser piores que o próprio vírus para a vitalidade das pessoas. Inclusive quando se trata da saúde emocional.

O autor promove uma reflexão acerca das reações das pessoas frente a tantas imposições ocorridas ultimamente. Agamben questiona o quão fácil foi para a sociedade aceitar as medidas de restrições obrigatórias, as pessoas ficarem isoladas em suas casas e com as suas atividades de rotinas suspensas sem nenhuma previsão de retorno. Agamben coloca que um dos poucos pontos positivos de estarmos vivendo todo esse processo é a possibilidade de repensarmos nosso modo de vida na atualidade. O autor propõe questionamentos como: Será que estamos vivendo de modo correto? De uma maneira saudável?

Aponta, ainda, a ciência como uma religião, que, como todas, tem seus pontos positivos e traz benefícios, mas também pode causar medo e proibições. Ele até compara a situação atual com o apocalipse, citado na Bíblia, em que ou você se adapta e obedece às regras impostas pelos maiores, ou irá morrer de uma forma bem ruim. E encerra sua colaboração à coletânea quando diz que, ao final desta pandemia, se for possível, voltaremos a viver como antes e que seja com esperança, até mesmo para os que não a tem.

Poucos dias após a publicação de *Sopa de Wuhan*, uma crítica sobre a Coletânea propôs aos leitores contrapontos sobre as reflexões dispostas nos textos. A dificuldade de viver esse período tem sido presente para todos, mas observar as relações sendo transformadas e ainda ter um grupo de escritores contemporâneos neste momento produzindo um conteúdo de uma única visão (ocidental) não facilita o processo, pelo contrário, monopoliza o pensar, dificulta os diálogos e promove um discurso eurocentrista, incitando pensamento de ódio contra a China. Isso porque, a própria capa da coletânea ilustra imaginariamente uma culpa sobre o país chinês.

Considero que as reflexões de Agamben nestes últimos escritos realmente fogem ao esperado pelos leitores de escritores contemporâneos importantes como ele. Porém, enxergo o autor nas palavras quando penso em sua obra “O que é contemporâneo? e outros ensaios” (2009), quando ele cita sobre os atritos com as questões da atualidade, sobre não se adequar perfeitamente ao padrão proposto por determinado tempo. Ser contemporâneo, segundo Agamben, é também enxergar as trevas de tal período, não concordando com tudo que lhe é ordenado. Talvez Agamben quisesse mesmo ser o anjinho ruim, um anjinho da discórdia neste momento. Penso que o que grita, neste período de isolamento e de muitas adaptações, é a saudade do que ficou para atrás. Éramos acostumados com uma rotina, que do dia para a noite se transformou em um relógio doméstico, atrelado a todos os demais compromissos que já carregávamos antes.

O contexto apontado acima, pode até promover desânimo, decepção, abatimento. Uma das críticas à coletânea se dava por não ser o momento de culpabilizar pessoas, países, governos ou mídias. Se trata muito mais de darmos as mãos sem tocar fisicamente o outro. Se por um lado presenciamos autores criticando e duvidando das medidas restritivas e da importância do distanciamento social, por outro lado é possível sentir uma força que atua de dentro para fora nas pessoas, mobilizando muitos à empatia, flexibilizando rotinas e hábitos que até então eram



confortáveis para todos, em prol do outro. Não se trata de evocar um pensamento romântico sobre o isolamento social e as modificações existentes neste contexto pandêmico. Os sistemas de saúde são falhos, sim! Os governos podem errar nos comandos, sim! As mídias talvez exagerem nas ênfases dos noticiários em busca de mais visualizações, sim! Todavia, vale destacar que a população em si tem se movimentado para facilitar o processo de sobrevivência diante deste momento.

Todo este processo de distanciamento social modificou a vida das pessoas em várias instâncias. Os trabalhos em grande parte passaram a ser no sistema *home-office*, as escolas com ensino remoto, as famílias dando conta da educação em casa, o *delivery* atendendo com maior fluxo, as medidas de higiene sendo frisadas com mais atenção... são tantas as negociações para que continuemos tendo a vida que se tínhamos antes, porém vale ressaltar, a vida é mais importante que toda a organização social que vivíamos anteriormente. Só é possível modificar caminhos enquanto existir vida.

Portanto, trazendo à tona novamente as reflexões promovidas por Agamben nos três textos publicados na Coletânea *Sopa de Wuhan: pensamento contemporâneo em tiempos de pandemia*, concordo com a crítica à coletânea. É significativo refletir sobre todas as transformações que estamos vivendo diante da pandemia de Covid-19, mas duvidar da gravidade em termos de contaminação deste vírus para com a população e não enxergar o número de infectados e de mortes expressos diariamente no mundo todo já seria ignorância.

No século XXI, temos o apoio da internet para nos relacionarmos. A socialização via rede sociais ou telefone, se tornou um refúgio seguro para manutenção das relações humanas mesmo à distância. O contato realmente não é o mesmo. Os idosos, que não têm tanta facilidade com o manuseio das máquinas, acabam sofrendo ainda mais com o afastamento social, porém, assim, mesmo distantes, podemos permanecer vivos. Poderemos nos reencontrar novamente, poderemos nos abraçar e então cuidar de todos os danos emocionais e econômicos que esta pandemia nos deixou. Parece-me até inacreditável, em pleno ano 2020, dependermos do isolamento para a proteção, ainda que não efetiva, mas possível, contra um vírus. Esse talvez seja o motivo pelo qual muitos, assim como Agamben, não acreditam ou não acreditavam no poder de “ficar em casa”. Infelizmente, desde a primeira publicação de Agamben na coletânea supracitada, no dia 26 de fevereiro de 2020, milhares e milhares de pessoas a mais, que os dados que ele apresentou no texto, já morreram.

O medo, a insegurança, a economia, a dúvida do amanhã, tudo colocado em pauta, gera no indivíduo um posicionamento que lhe beneficiaria mais. Cada um segue olhando e lutando por si. E isso é justamente o que uma pandemia vem nos ensinar a rever. Olhar para o coletivo, pensar no outro, importar-se com o entorno. Nossas lutas não são tão individuais como pensávamos. Em essência, neste momento, a batalha não está interligada à direita ou à esquerda, ao oriente ou ao ocidente, ela existe em prol do ser humano e isso todos somos em qualquer lugar do mundo, com qualquer conta bancária, qualquer religião e posicionamento político.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

AGAMBEN, Giorgio *et al.* *Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias*. 1ª edição. Buenos Aires, Argentina: ASPO, 2020.

RED DE DIÁSPORA CHINA EN ESPAÑA *et alli.* *Sobre la Portada "Sopa de Wuhan": Comunicado para ASPO (Editorial) y Pablo Amadeo (Editor)*. 1 de abril de 2020.

# “Contaminante espectral”: um temor contemporâneo

Matheus Moreno dos Santos Camargo

Este artigo pondera os textos de Giorgio Agamben que integram a coletânea *Sopa de Wuhan* lançada no contexto deste “novo normal”, imposto pela pandemia de Covid-19 (uma nova espécie de coronavírus) que atinge o planeta e se prolifera desde o início do ano de 2020.

Agamben adverte no texto *La invencion de una epidemia* (publicado inicialmente em *Quodlibet.it*, no dia 26 de fevereiro de 2020) que o temor<sup>1</sup> de contaminar-se por outras pessoas é o principal agente permissor da imposição de restrição de liberdades individuais e sociais. Entende que essa contaminação pelo medo consente apressadas, agressivas e injustificadas ações urgentes para conter uma “suposta epidemia”.

Suposta, segundo o autor, devido algumas declarações desconstruídas dos Conselhos Nacionais italianos, os quais afirmavam não existir ainda, na Itália, uma epidemia de síndrome respiratória aguda grave, a SARS-CoV2 (*Severe acute respiratory syndrome coronavirus 2*), fundamentados por dados epidemiológicos disponíveis de dezenas de milhares de casos de outros países, que avaliavam essa infecção como provocadora, na maior parte dos casos, de sintomas leves e moderados.

Compreende ele, então, que essas medidas apresentadas pelas autoridades e meios de comunicação são questionáveis, pois difundem o pânico, justificando-se em motivos de segurança e saúde pública. Promovem, assim, o terror, utilizando-se deste sentimento para instalar um estado de emergência, com intensa limitação de circulação e suspensão de afazeres de regiões inteiras, transtornando o funcionamento normal dos modos de vida, alterando os hábitos cotidianos.

---

<sup>1</sup> Temor: substantivo sinônimo a medo, pavor ou pânico. Estado afetivo produzido pela sensação de ameaça ou perigo. Sentimento de ansiedade que pode produzir obediência.

Para Agamben, esta conjuntura produz um comportamento excessivo e segue um movimento mundialmente ascendente, que emprega o estado de exceção (oposto ao Estado Democrático de Direito) como modelo de governo, com a aprovação urgente de decretos que dão lugar à militarização. Percebe que a exorbitância das exigências destas normas não difere muito dos regulamentos antiterrorismo, que atuam como dispositivo de autoridade e domínio.

Essa pandemia se torna o pretexto ideal para exercer controle sobre os viventes, sujeitando estes a um poder. É preocupante, o temor em graus altíssimos, contaminante nas consciências dos indivíduos, manifestado numa condição de apavoramento coletivo. Por efeito disso, a restrição de liberdades, imposta pelas autoridades, acaba sendo aceita pelos sujeitos em troca de um desejo de segurança, induzido pelas mesmas administrações que logo intervém para satisfazê-la.

Este sistema global superficialmente bipolarizado (entre capitalista e comunista, direita e esquerda) atua como uma máquina tradicional, comparável a um vírus que precisa propagar-se constantemente para se manter, adaptando-se aos seus hospedeiros e impondo-se aos contextos locais. Ainda, esta contínua proliferação de informações imprecisas, difundidas pelos meios de informação, desencadeia outros surtos (paranoicos, ideológicos e raciais) que pareciam estar incubados. Aspectos visíveis, na frenética propagação de publicações com teor político ou econômico, que demonstram a ansiedade de manter o ritmo deste mundo, que tem agora sua estrutura claramente fraturada.

No artigo *Contagio* (publicado antes em *Quodlibet.it*), Agamben destaca que estas medidas excepcionais de emergência são desumanas, porque disseminam o terror através dos meios de informação. Prediz que a ideia de contágio iguala cada cidadão a um terrorista potencial, um possível agente contaminante que pode transmitir uma “praga” espectral<sup>2</sup> para outros múltiplos indivíduos. Assim, a limitação de liberdades é imposta com o isolamento e o distanciamento social, tidos como alguns dos poucos atos eficazes para conter a transmissão deste vírus invisível, coibindo as pessoas a aproximarem-se ou tocarem-se, o que enfraquece as interações pessoais e degenera as relações sociais. Deste modo, é compreensível que o impacto desta pandemia nas instâncias psicológicas e afetivas é tão hostil quanto

---

2 Espectral: adjetivo sinônimo a incorpórea, fantasmagórica ou sombria. Neste contexto, pode significar: ameaça, risco ou prenúncio; algo vazio, vazio, uma ilusão, fantasia ou ficção.

sua doença, já que esta afeta tanto as inter-relações humanas, como as ações mais elementares, nas superfícies que tocamos, e com os objetos e lugares do cotidiano.

Neste contexto, em *Reflexiones sobre la peste* (publicado antes em seu blog *Una voce*), Giorgio Agamben faz avaliações referentes às reações sociais humanas. Trata da facilidade com a que toda uma sociedade aceita, sem grandes protestos e oposições, sentir-se acuada, isolando-se em suas casas, suspendendo suas condições normais de vida, suas relações de trabalho, amizades e até suas crenças religiosas. Exibe a hipótese, que de algum modo “a praga já estava lá”, trazendo à tona as más condições de vida das pessoas, emergindo como uma “peste”. Porém, esse momento também força o sujeito a repensar seus hábitos individuais e de convivência coletiva, possibilitando questionar a maneira como vive, impulsionando-o a achar outros modos de existência, pois parece ser impossível voltar a viver como antes.

Ao mesmo tempo, tudo isso expõe um colapso religioso. As igrejas não são capazes de satisfazer as necessidades vitais, uma vez que a ciência se sobressai na busca de soluções eficazes para os problemas atuais, exibindo que a crença desmedida em religiões pode gerar superstição e temor em tempos de crise e de opiniões contraditórias. E, ainda, que antigas ideologias estabelecidas podem ser demasiadamente negacionistas com a gravidade deste fenômeno, divergindo radicalmente sobre como tratá-lo.

Neste sentido, no livro “O que é contemporâneo? e outros ensaios” (2009), Giorgio Agamben denota que não pode ser contemporâneo aquele que se vincula com harmonia total aos elementos do presente. Desta forma, reflete como o intempestivo, definido como inoportuno ou aquele que está “fora do tempo próprio”, o que pode perceber as sombras de sua época, vendo a atualidade sem passividade. Entende que para se pensar a contemporaneidade é necessário produzir uma cisão ou ruptura temporal, afastando o presente da “homogeneidade inerte do tempo linear”, enxergando no novo os vestígios de sua origem. Visa conquistar, diante deste momento atual, um olhar inquietante e uma postura questionadora, atitudes visivelmente necessárias e vitais para se enfrentar uma pandemia.

Destaca que com o desuso dos “dispositivos tradicionais” de subjetivação (igrejas, escolas, universidades, fábricas, locais de trabalho, cultura e lazer), os “sujeitos reais” substituem quase todas suas interações, utilizando ainda mais os “dispositivos hodiernos” (telefone, televisão, internet, câmeras de vigilância e monitoramento), que atuam

simultaneamente como instrumentos de subjetivação e dessubjetivação, produzindo um “sujeito espectral”. Com tudo isto, a identidade pessoal do sujeito é literalmente mascarada e o próximo é suprimido pelo medo, produzindo com esta suspensão um possível sujeito “contaminante espectral”. Do enfraquecimento da existência própria, da dissociação entre ser e viver, do amortecimento da instância amizade, visto que para Agamben (2009) o existir surge do “con-sentir” com a própria existência e com a existência do amigo, como estatuto político.

Vivencia-se, contudo, com a limitação do deslocamento e do contato físico, a passagem para uma comunicação prioritariamente à distância, utilizando mensagens digitais, encontros virtuais e acesso a informações em redes online. Fatores que obrigam a produzir novas ferramentas e a repensar as estratégias comunicacionais. Por consequência, quanto mais dispositivos são criados e utilizados, menos sujeitos reais são formados, e mais sujeitos espectrais, causando um “eclipse na política”. O contemporâneo deve reconhecer sem receio as trevas de seu tempo, questionando a origem destas, examinando suas consequências, implicando na capacidade de enxergar tanto as escuridões como as luzes enquanto partes complementares e indissociáveis. Consequentemente, este momento de ruptura de nossos hábitos cotidianos indica a necessidade de um novo olhar para o tempo atual e também para o passado.

Como contraponto, na publicação *Sobre la portada “Sopa de Wuhan”: comunicado para ASPO (editorial) y Pablo Amadeo (editor)* (publicada em 01 de abril de 2020), os autores ressaltam que é preciso ser vigilante em tempos de pandemia. E repreensíveis às vozes radicais, porque essas podem trazer discursos de ódio, racismo e sinofobia. As vozes não possam ser justificadas, nem quando presentes em uma coletânea de escritos de pensadores contemporâneos.

Portanto, deve-se ter atenção tanto ao conteúdo reflexivo e crítico de obras como esta, quanto ao possível caráter demasiadamente analítico, pois este pode alimentar um imaginário limitado, que coloca a culpa da pandemia em Wuhan, na China. Este fato pode, numa fala camuflada por metáforas ou por humor, acabar legitimando uma postura racista, sinofóbica ou política. Sendo assim, se torna sensato discutir essa coletânea de pensadores contemporâneos, ponderando esses textos, para não apenas reproduzi-los.

O comunicado adverte também que a capa da publicação *Sopa de Wuhan* disfarça o risco de um discurso reducionista através de uma ilustração que se refere a uma origem massivamente apontada e reproduzida pelas mídias de massa e redes não críticas. Ainda por cima,

o jogo de palavras do título culpa a suposta sopa, complementado com a imagem de morcegos e a geolocalização de Wuhan. Aponta, então, uma fonte para o problema, parecendo querer se redimir de alguma culpa. Por implicação, a localização geopolítica da origem de um vírus não isenta ninguém da responsabilidade, porque todos formam um sistema global. Por isso, reconhecer essa corresponsabilidade, deve ser verdadeiramente transformador. Porquanto, seria melhor unir empenhos para transformar a situação atual.

Em decorrência, o cenário sensível deste novo habitual evidencia que o espectro deste vírus contamina com medo as existências, motivações, relacionamentos e percepções, agindo como um “contaminante espectral”, que atua como um anti-dispositivo ingovernável, que infecta as fronteiras físicas e simbólicas, impondo desterritorializações e causando a profanação do mundo “real”.

Todavia, essa conjuntura deve servir de motivação para propostas poéticas de arte, que pensem novas representações e provoquem uma outra atitude humana e política.

Para isso, a arte pode atuar como um saber prático que visa a modificação do mundo, buscando a transposição do temor, um novo começo, problematizando as relações de poder, abrindo rupturas no arranjo temporal dos fatos, avançando com coragem em direção à transformação dos modos operantes de nossa sociedade.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó: Argos, 2009.

AGAMBEN, Giorgio *et al.* *Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias*. 1ª edição. Buenos Aires, Argentina: ASPO, 2020.

RED DE DIÁSPORA CHINA EN ESPAÑA et alli. *Sobre la Portada “Sopa de Wuhan”: Comunicado para ASPO (Editorial) y Pablo Amadeo (Editor)*. 1 de abril de 2020.

# (Re)posição do sujeito contemporâneo em tempos de distanciamento

Milena Duarte Corrêa

Esse texto apresenta alguns apontamentos sobre os escritos de Giorgio Agamben inseridos na coletânea *Sopa de Wuhan: pensamiento contemporâneo en tiempos de pandemias* (2020), bem como uma crítica sobre esta publicação. Subsequentemente, apresento meu posicionamento a partir dessas leituras e minhas vivências nesse novo contexto pandêmico de um sujeito contemporâneo reposicionado.

O momento atípico que nos assola e nos condiciona a um modo de vida completamente diferente de tudo que já vivemos é assustador. O distanciamento social imposto durante a pandemia do coronavírus exigiu uma total renovação na nossa forma de ver o mundo, nos posicionarmos nele e, inclusive, de formularmos nosso pensamento. A minha condição de estudante de teoria da arte contemporânea na pós-graduação também passou por mudanças que influenciam diariamente o desenvolvimento da minha pesquisa e minha composição enquanto pesquisadora.

Durante o primeiro semestre de 2020, imergi em várias leituras sugeridas no curso de Doutorado em Artes Visuais, mas, principalmente, em leituras informativas. Quando o texto *Sopa de Wuhan* me foi proposto, de imediato considerei uma excelente ideia. Afinal, teria a oportunidade de conhecer escritos recentes de nomes tão importantes para o campo da teoria da arte contemporânea, falando sobre uma preocupação atual e comum a todos nós. Ter a oportunidade de ler escritos inéditos de Giorgio Agamben, por exemplo, sobre um momento que estamos vivenciando e querendo encontrar brechas de esperança para respirar em meio ao caos. A ideia foi, de certa forma, consoladora.

A coletânea, já em sua introdução, se propõe a discutir as polémicas recentes em torno da pandemia da Covid-19, alguns olhares sobre o passado e as possibilidades futuras. Foi feita com a intenção



de propor uma fuga criativa em épocas de isolamento diante dessa paranoia e distanciamento imposto. Giorgio Agamben colaborou com três textos, o primeiro deles intitulado *La invención de una epidemia*, o segundo *Contagio* e, o terceiro, *Reflexiones sobre la peste*. É evidente que o título já direciona nosso olhar e influencia a maneira que vamos nos relacionar com o texto.

O autor manifesta sua posição diante das estatísticas oferecidas pela mídia sobre a Europa e, basicamente, se refere ao novo coronavírus como uma gripe que causa poucas mortes e não tem nenhuma necessidade de hospitalização. Diante disso, começa a questionar a posição dessa mídia que manipula, assusta, difunde o pânico e, principalmente, suspende o funcionamento das condições de vida. Segundo ele, existem algumas razões para isso, uma delas é que as medidas de proteção são muitas, acabando com o pânico, mas a invenção de uma epidemia é o pretexto ideal para estender o medo. Com isso, se forma um círculo vicioso, onde a limitação da liberdade imposta pelos governos é aceita em nome de um desejo de segurança que esses mesmos governos podem oferecer.

Para Agamben, uma das consequências mais desumanas é a ideia de contágio. As recentes disposições transformam cada indivíduo em um potente contaminador, então a analogia é clara: o indivíduo que não segue as prescrições é castigado. Portanto, para ele, pior que uma pandemia (que já matou mais de 500 mil pessoas em todo o mundo até o início de julho de 2020), é a limitação da liberdade, a degeneração e abolição das relações. Agamben diz ser inacreditável que os governantes queiram fechar escolas e universidades para que o conteúdo seja dado por meios digitais, deixando que as máquinas substituam todo o contato – contágio – humano. Seu último texto não se refere à gripe, mas às relações e às reações das pessoas diante do que estamos vivendo. O autor comenta sobre a facilidade com que as pessoas têm aceitado sentir-se atormentadas, isoladas em casa, cortando suas relações, suspendendo seus modos de vida, amizades, crenças religiosas ou políticas. Por que não houve protestos?

Sobre isso, interfiro para expor minha experiência vivendo a quarentena no interior do estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Três Passos. Um lugar onde, na época em que tive contato com *Sopa de Wuhan*, em abril de 2020, não existia nenhuma pessoa contaminada. Contrariando indicações, desacreditando nos números e duvidando da gravidade do problema, agora, no mês de julho, a cidade já tem mais de 500 pessoas infectadas. Bandeira vermelha e toque de recolher

não impedem parte da população de continuar vivendo normalmente e protestando nas ruas para que o comércio volte a funcionar, assim como a liberdade de ir e vir. Uma irresponsabilidade que consente com o discurso de Agamben.

A justificativa para o pensamento do autor é sua hipótese de acreditar que, de alguma maneira, essa praga/peste já estava aqui, mas, aparentemente, as condições de vida que as pessoas tinham antes não permitia enxergar, só bastou um sinal repentino para que as pessoas aparecessem como de fato eram: intolerantes como uma praga. Portanto, ele indica que algo positivo a levar depois que isso passar é pensarmos se a forma como vivíamos era correta. Evidentemente, a crença e a esperança estão mais fortes do que nunca, e a necessidade religiosa que a igreja não é capaz de satisfazer buscou outro lugar para se apoiar, uma religião desse tempo: a ciência.

A ciência também pode causar medo, opiniões diferentes e contraditórias, como os que negam a gravidade do problema e o discurso ortodoxo dominante que confirma e fala como trata-lo. Mesmo assim, o colapso da crença e da fé está em não crer em nada, mas também em acreditar na existência de algo que vai salvar e curar tudo. Assim, uma vez que se declara terminada a emergência da peste, o autor acredita que nada pode voltar a ser como antes, só para aqueles que já não têm esperança, se tem dado esperança.

Felizmente, entre os mesmos dias que a ASPO publicou *Sopa de Wuhan* surgem os contrapontos críticos. Em um deles<sup>1</sup>, cujo título se refere diretamente a editora e ao editor Pablo Amadeo, salientam-se as vozes da extrema direita eurocentrista em tempos de pandemia que incitam ódio, racismo e um ataque direto à China. Entretanto, o que acontece quando esse discurso vem de renomados intelectuais contemporâneos? Justifica-se, aplaude-se, gera-se um altar de adoração porque eles são uma referência. O mesmo sentimento que eu tive ao ler o subtítulo e o nome dos pensadores que contribuíram com seus textos.

A primeira crítica é em relação a capa, ela é tão importante quanto o conteúdo, mas é pavorosa e alimenta um imaginário de culpa para China através de racismo e jogo político. Por meio da ilustração, tenta difundir um discurso reducionista e essencialista que se refere a uma falsa origem massivamente aguçada pelos meios de comunicação.

---

1 Disponível em: <https://sites.google.com/view/comunicadosopadewuhan/comunicado?fbclid=IwAR-0TJBgACg3nz3-vfyo0tIEMN6XyA8une0hM3esgw-9ESPeWm7fWcw7bus0> Acesso em: 11 jul. 2020.

O autor dessa crítica salienta que agora não é o momento ideal para suposições nem para criação de narrativas que expliquem como chegamos até aqui, ou que culpem determinado público, é mais importante investir esforços para pensar como transformar o momento em que estamos agora. Em um período sensível, onde nossas vidas e relações mudam tanto, temos o privilégio de ler textos de pensadores contemporâneos, mas com consciência de problematizar e questionar os discursos, não os reproduzir.

Concordando com a crítica publicada, reconheço a gravidade do problema a ponto de nos colocar em uma situação vulnerável e diferente de tudo que já vivemos. Ainda assim, com oportunidade de visualizar diferentes discursos, beber de diversas fontes e acessar inúmeros tipos de informação. Diante da infinidade de informações que nos perpassam, a responsabilidade é individual sobre a forma que as assimilamos e repercutimos. Depois de quatro meses em isolamento, percebemos que as notícias a que damos ouvidos influenciam diretamente no nosso pensamento e na maneira que agimos, portanto, é momento de selecionar.

Essa seleção também diz respeito a tudo que escolhemos ler, pensar, fazer e o modo como nos posicionamos diante de tudo isso. Selecionar, silenciar e sintonizar são termos que têm me direcionado. Selecionando prioridades, silenciando pensamentos e sintonizando na solução dos problemas, no pensamento positivo e na esperança de um novo tempo. O privilégio do tempo, aquele que tanto recorremos, está constantemente à nossa disposição e, às vezes, nem sabemos a melhor forma de usufruir dele. Um tempo diferente que causa estranhamento: quando ausência quer dizer presença e distância significa amor.

Portanto, voltando à questão inicial discutida por Agamben, num contexto de alta disseminação de um vírus, como acreditar que é desumano isolar as pessoas? Me parece humanidade, empatia e solidariedade. Isso prova que temos a liberdade de escolher os discursos que nos contemplam, independentemente de sua autoria. De igual modo, todos os dias temos oportunidade de selecionar como enxergar a realidade que nos encontramos. Mudando nossa maneira de ser, nossos hábitos, prioridades e enxergando brechas de criação e produção em meio ao caos. É uma escolha diária tornar esse isolamento propulsor de movimentações, ou culpar alguém, um país, um povo, pela propagação de um vírus.

Por fim, reitero alguns comentários sobre o texto crítico supramencionado no que se refere à posição contemporânea de um sujeito que seleciona como concebe essa contemporaneidade, desde que olhar, que marco de análise. Porque se valoriza um discurso, em detrimento

de outros. Uma preocupação pertinente é que sejamos incapazes de executar nosso jeito contemporâneo e aceitar outros discursos e, até mesmo, questionar nomes legitimados como Agamben. É preocupante que não tenhamos capacidade de ouvir outras vozes que coloquem em questão nossas crenças atuais, sendo que a principal característica do momento contemporâneo é a pluralidade de discursos. Por que não conseguimos aceitar outras vozes ou problematizar afirmações?

O encerramento da crítica pede aos editores de *Sopa de Wuhan* que retirem o título e a capa para que não se perpetuem mais discursos racistas e de ódio. Nos incita a pensar que saber a localização que origina o vírus, não exime nossa responsabilidade, culpar um povo não fará com que o vírus acabe. Contudo, reconhecer nossa responsabilidade como sujeitos contemporâneos, que fazem parte de um mesmo sistema e cooperar pensando no outro, é a responsabilidade necessária e transformadora. Por fim, acredito que o modo que nos colocamos diariamente nas situações influencia expressamente o rumo que a sociedade vai tomar e, mais ainda, a maneira que vamos conduzir nossas pesquisas e nos (trans)formar na condição de sujeitos/pesquisadores contemporâneos.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio *et al.* *Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias*. 1ª edição. Buenos Aires, Argentina: ASPO, 2020.

RED DE DIÁSPORA CHINA EN ESPAÑA *et alli.* *Sobre la Portada "Sopa de Wuhan": Comunicado para ASPO (Editorial) y Pablo Amadeo (Editor)*. 1 de abril de 2020.

# Dispositivo e sujeito no pensamento de Giorgio Agamben

Tainan Silva do Amaral

O texto aqui articulado parte de uma reflexão acerca de três comentários do filósofo Giorgio Agamben, entre o período de 26 de fevereiro e 27 de março de 2020, em virtude da pandemia de coronavírus, Covid-19. Tais comentários foram reunidos em uma compilação de pensamentos intitulada *Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias*, no qual Agamben e outros pensadores contemporâneos, como Judith Butler, Byung-Chul Han e Paul B. Preciado, tecem comentários sobre a pandemia e assuntos emergentes relacionados a ela.

Os comentários de Agamben serão aqui refletidos a partir de duas de suas obras: “O que é o contemporâneo? e outros ensaios” (2009) e “O homem sem conteúdo” (2013). A saúde, em todo o cenário mundial, enfrenta a crise instaurada pelo coronavírus e, em meio a este cenário, outras situações-problemas de ordem social, econômica e política, tomam forma, agravando o desafio que se apresentou. A intenção da publicação que reuniu os comentários de Agamben junto a outros autores é ilustrar e refletir os possíveis aspectos sociais e políticos da pandemia, bem como lançar hipóteses sobre o futuro.

No dia 26 de fevereiro de 2020, Agamben tece o primeiro comentário sobre a pandemia da Covid-19, publicado pela *Quodlibet.it* e intitulado *La invención de una epidemia*. Nesse primeiro momento, Agamben mostra-se incrédulo ao perigo do vírus e inicia sua escrita afirmando *El temor a contagiarse de otros, como otra forma de restringir libertades* (2020, p. 17). A Itália, até o dia da publicação do texto, contava com apenas 445 casos confirmados e 12 mortes, um número relativamente baixo frente ao estágio que o país atingiu nas semanas seguintes e que possivelmente justifica o posicionamento do filósofo.

Nesse escrito, Agamben faz uma crítica às fortes medidas restritivas adotadas pelo governo italiano e sustenta seu pensamento nos dados epidemiológicos, disponíveis até então, que demonstram que 80% a 90% dos casos de contaminação apresentaram sintomas leves, e apenas 4% dos paciente necessitaram de hospitalização e maiores cuidados (2020, p. 17-18). Sua crítica direciona-se ao apelo dos meios de comunicação em relação ao cessar do funcionamento normal da sociedade e o „clima de pânico“ gerado na população que inscrevem, junto à limitação da liberdade dos italianos, na visão de Agamben, um estado de exceção.

Para o autor, dois aspectos devem ser considerados: o primeiro, que há uma forte presença militar nos locais onde há casos de contaminação confirmados, e que as restrições à liberdade estendem-se desde o frequentar determinados espaços até a abertura de escolas, museus e outros espaços culturais, o que reforça *“una tendencia creciente a utilizar el estado de excepción como paradigma normal de gobierno”* (AGAMBEN, 2020, p. 18). Um segundo aspecto seria o desejo de segurança que, aliado ao medo emergente, gera aceitação das restrições do governo. Os meios de comunicação italianos nessa perspectiva de Agamben parecem ser os mesmos que o autor chama de dispositivos na obra *“O que é o contemporâneo? e outros ensaios”*, de 2009, fazendo alusão ao conceito de Michel Foucault.

Certamente o termo [refere-se ao dispositivo], no uso comum como no foucaultiano, parece remeter a um conjunto de práticas e mecanismos (ao mesmo tempo linguísticos e não-linguísticos, jurídicos, técnicos e militares) que têm o objetivo de fazer frente a uma urgência e de obter efeito mais ou menos imediato (AGAMBEN, 2009, p. 34-35).

Na visão de Agamben, é no corpo a corpo com os dispositivos que os viventes tornam-se sujeitos. Os dispositivos, que em Foucault instituições como a escola representam, em Agamben, podem ser *“qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes”* (AGAMBEN, 2009, p. 40).

Aparentemente justificado pelos boletins epidemiológicos que ainda não haviam mostrado os resultados que posteriormente a Itália receberia, Agamben preocupa-se que o episódio do coronavírus seja utilizado pelo governo como via ou *“pretexto”*, nas palavras do autor,

para reduzir a liberdade do povo italiano. Tal liberdade é perdida sem causar comoção ou reivindicações da população em função da falsa sensação de segurança passada.

Em 11 de março de 2020, 14 dias após a publicação anterior, Giorgio Agamben volta a publicar em *Quodlibet.it*. Na Itália, agora há 12.462 casos confirmados e 827 mortes. Intitulado *Contagio*, Agamben volta sua crítica nesse texto para a transformação das relações humanas frente à crise. Após breve comentário sobre a história do contágio, o autor aborda a forma como cada indivíduo passou a ser tratado como um propagador em potencial do vírus. Embora não aponte sua percepção sobre a doença, parece questionar o isolamento social, associando-o ao silenciamento das escolas e universidades, e das reuniões sobre política e cultura, substituindo o contato pela máquina e as mensagens digitais; também, associa-o ao distanciamento do outro que, para o autor, produz uma “*dégeneración de las relaciones entre los hombres*” (2020, p. 33).

A preocupação com o distanciamento e o contato com a alteridade de vinda de Agamben já poderia ser encontrada no conceito de amigo que o autor apresenta na última parte da obra “O que é o contemporâneo? e outros ensaios” (2009). Na obra, essa aproximação com o outro é parte fundamental do que se entende por política.

O amigo não é um outro eu, mas uma alteridade imanente na “mesmidade”, um tornar-se outro do mesmo. [...] A amizade é a *condivisão* que precede toda divisão, porque aquilo que há para repartir é o próprio fato de existir, a própria vida. E é essa partilha sem objeto, esse *com-sentir* originário que constitui a política (AGAMBEN, 2009, p. 90 e 92. Grifos do autor).

No dia 27 de março de 2020, cerca de 16 dias após o último comentário e 30 dias do primeiro escrito por Agamben, a Itália comunicava 86.498 casos e 9.134 mortes. Nesta data, Agamben escreve seu terceiro comentário, intitulado *Reflexiones sobre la peste*, para seu blog *Una voce*. Sua reflexão é próxima a das relações humanas levantada na publicação anterior e inicia questionando a forma pacífica como a população italiana aceitou o isolamento, sem grandes manifestações e protestos. Tal passividade já estaria instalada de modo que os acontecimentos recentes apenas o revelaram (AGAMBEN, 2020, p. 135).

O defrontamento da comunidade com a autoconsciência e autoavaliação dos seus modos de viver e relacionar-se é, possivelmente, o único ou um dos poucos aspectos positivos da pandemia e do isola-

mento social, conforme afirma, “[...] es el único hecho positivo que puede extraerse de la situación actual: es posible que, después, la gente comience a preguntarse si la forma en que vivían era la correcta”.

Para Agamben, a pandemia faz vir à tona uma necessidade atual da religião ou do discurso religioso para explicar os acontecimentos, no entanto, essa mesma pandemia aponta para a desestruturação das crenças comuns frente à impossibilidade da religião explicar os eventos vividos e a preocupação com a saúde física. Une-se a isso uma aparente substituição da religião por aquilo que o autor interpreta como a religião atual, a ciência, devido a esperança de que tão logo essa possa dar respostas ao mundo (2020, p. 136).

Apesar disso, mesmo o discurso científico é invadido por toda sorte de contradições advindas de opiniões, superstições e do medo da população; e mesmo dos especialistas que, em função da precoce e repentina urgência de pesquisas acerca do vírus, por vezes dividem-se em hipóteses e consensos quanto às formas de prevenção e tratamento da Covid-19 e quanto à gravidade da pandemia.

*Y, como siempre en estos casos, algunos expertos o autodenominados así logran asegurar-se el favor del monarca, quien, como en el momento de las disputas religiosas que dividieron el cristianismo, toma partido según sus intereses con una corriente u otra e impone sus medidas* (AGAMBEN, 2020, p. 136-137).

Ao passo do avanço da pandemia, é perceptível que Agamben reserva-se em voltar a fazer comentários sobre a periculosidade da doença e volta seus comentários para os aspectos sociopolíticos do isolamento na sociedade italiana e mundial. Identificou-se nos comentários de Giorgio Agamben, inicialmente, certa descrença na gravidade do situação gerada pela Covid-19 – coronavírus – e uma preocupação com a utilização da situação, por parte das autoridades governamentais e militares, para instauração de um estado de exceção e limitação da liberdade pública.

A possível influência nas condutas e gestos foi lida aqui partindo dos conceitos de dispositivos, viventes e sujeitos vindos da obra de próprio Giorgio Agamben citada acima - “O que é o contemporâneo? e outros ensaios” (2009) e “O homem sem conteúdo” (2013).

Outros dois aspectos importantes da leitura conduzida referem-se ao caráter eminentemente político que as relações humanas possuem – alterados no momento do isolamento social – e o destaque emergente que o discurso científico recebeu na pandemia, ambos abordados por Agamben.



Apesar da multiplicidade de discussões possíveis a partir dos comentários do autor, a publicação onde estão compilados os três escritos de Agamben é fortemente criticada, especialmente pela infeliz designação *Sopa de Wuhan* e pela capa, onde tal título é sobreposto em amarelo a diferentes imagens de morcegos. As críticas a essa publicação propõem que em tempos de pandemia os olhares não busquem culpados – cidades, culturas, hábitos de diferentes sociedades –, mas uma corresponsabilidade.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Contagio*. In: AGAMBEN, Giorgio et al. *Sopa de Wuhan: pensamento contemporâneo em tempos de pandemias*. 1ª edição. Buenos Aires, Argentina: ASPO, 2020, p. 31-33.

AGAMBEN, Giorgio. *La invención de una epidemia*. In: AGAMBEN, Giorgio et al. *Sopa de Wuhan: pensamiento contemporâneo em tempos de pandemias*. 1ª edição. Buenos Aires, Argentina: ASPO, 2020, p. 17-19.

AGAMBEN, Giorgio. *O homem sem conteúdo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. *Reflexiones sobre la peste*. In: AGAMBEN, Giorgio et al. *Sopa de Wuhan: pensamiento contemporâneo em tempos de pandemias*. 1ª edição. Buenos Aires, Argentina: ASPO, 2020, p. 135-137

AGAMBEN, Giorgio et al. *Sopa de Wuhan: pensamiento contemporâneo em tempos de pandemias*. 1ª edição. Buenos Aires, Argentina: ASPO, 2020.

# Fogo e sopa de mocotó: que não veio de Wuhan

Valdemir de Oliveira

1 kg de mocotó, cortado em rodela e bem lavado, água o suficiente para cozinhar o mocotó, 1 cebola grande picada, 2 dentes de alho amassados, 1/2 xícara (chá) de coentro, 3 colheres (sopa) de salsinha, 2 colheres (sopa) de hortelã picada, 1 colher (sopa) de extrato de tomate, pimenta malagueta ou pimenta vermelha a gosto, 1 limão (suco), sal a gosto, 5 colheres (sopa) de azeite<sup>1</sup>.

Tradicionalmente conhecido por dar “força”, este prato típico do Rio Grande do Sul talvez seja o que precisamos no momento para enfrentarmos não só a ameaça do vírus em si, como tudo o que vem com o contexto gerado pela PANDEMIA.

Em um contexto de perdas, não só de seres humanos distantes, e por serem humanos, tão próximos, mas de mortes que quando nomeadas puxam os laços que nos unem a estas ausências, vidas ceifadas, ler os ensaios de Agamben desmotiva e reanima simultaneamente.

Ao desprezar os números de mortos não só em seus países de origem, como também em outros, evidencia-se a esquizofrenia típica dos tempos contemporâneos. Os pensamentos desconexos da realidade que talvez os tenha inspirado, “talvez”, porque haveria de se averiguar em que mundo esses seres vivem e se referem, que em nada simpatiza com a agudeza do que passam aqueles que não desfrutam de seus privilégios de primeiro mundo, mas que, no entanto, não por isso ficaram imunes ao que se segue.

Com refinamento sórdido, somos envolvidos por uma narrativa que no mínimo pode ser descrita como preconceituosa, elitista e racista, sem que precisemos de títulos e compilações de obras lidas para

---

<sup>1</sup> Adaptada de <https://www.plazahoteis.com.br/pt-br/blog/mocoto-plaza-sao-rafael/>

chegar a esse entendimento. Mas, como texto, aberto as interpretações, estas são as minhas. Neste texto, como trabalho acadêmico, opto pela personalização, pela primeira pessoa, por entender que o próprio texto em questão nos leva à tomada de consciência de que precisamos urgentemente recuperar a dignidade de sermos o que somos ou podemos ser, em um cenário de exploração capitalista que explicitamente capitalizou a vida. “[...] a vida volte ao normal e morram quantos tiverem de morrer”<sup>2</sup>, e seguindo a proposta de elaborações de questões de Agamben (2006), como voltar ao normal se nada mais está e pode ser como antes? Ou é uma invenção, um delírio coletivo o que acontece no mundo agora?

Pretensiosamente, o autor dá a entender sua capacidade de visão holística do contexto, analisando e julgando ações de diferentes áreas, a ciência passa a ser suspeita, o que encontra ressonância no que vivemos atualmente no Brasil.

Animadora foi a proposta de escrever sobre esses “problemas emergentes”, pois certamente estão nos afetando em profundidade, ainda não compreendida, mas emocionalmente sentida.

Ironicamente, a ilustração da capa<sup>3</sup> traz a imagem dos morcegos, em nada apenas decorativa, mas ilustrativa das ideias excludentes e desumanas contidas nos textos lidos<sup>4</sup>. Assim são vistas, na medida que ao relembrarmos a obra “O que é o contemporâneo?” (AGAMBEN, 2009), do mesmo autor, nos reportamos ao seu entendimento do que viria a ser contemporâneo: “[...] é aquele que percebe o escuro de seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpretá-lo, algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ele” (AGAMBEN, 2009, p. 64).

Sendo assim, não seria o “morcego” mais contemporâneo que todos nós? Pensemos que ele, o morcego, é o único mamífero voador, sonho e frustrações de outros, que devem se contentar com o “bater das páginas” de um livro, ou ainda que ele, o morcego, consiga o apogeu da contemporaneidade: “enxergar” no escuro emitindo ganidos ultrassônicos lhe proporcionando ecolocalização. Ecoa pelos ares a supremacia dos morcegos frente à pequenez humana.

Seremos contemporâneos por pensarmos ou nos colocarmos em escalas de valor, pensando que vidas podem ser categorizadas em grau de importância pela sua utilidade e contribuição com o mercado, e por

2 Presidente da República do Brasil, entrevista coletiva, 18 abril de 2020.

3 Sopa de Wuhan - <https://dialektika.org/wp-content/uploads/2020/04/Sopa-de-Wuhan-ASPO.pdf>

4 Até o momento, não tive “forças” para ler os demais...

estarem na completa escuridão podem ser “vistas” quando for conveniente? O que resta para aqueles que nada têm além de sua (in)existência miserável, mas digna de luta e esperança de dias melhores? Advinda geralmente de promessas impressas e/ou lançadas ao vento para não mais encontrarem sua origem.

Com palavras, tem se destruído vidas. Pessoas morrem por dentro antes mesmo de morrer por fora....

Tal como as canetas têm sido idolatradas como “dispositivos” instituidores de mundos, as palavras também o são. Em sua representatividade e reconhecimento, a responsabilidade para com o outro deveria e deve ser parte do que move o(s) texto(s). Um crítico tem esse poder e dele deveria zelar para um bem maior, com suas palavras “mata”, fere, renega, delega. Lembrar-se de que nestes lugares elegidos é ele também o “untador” que marca e espalha o que de seu entendimento convém.

O morcego voa, caça para sua sobrevivência, outros mercenários dos créditos de sua “conduta” sobrevoam sorrateiros, como corvos sobre a presa abatida, esperando a putrefação da matéria para seu regozijo.

Agamben nesses textos fez o que muitos críticos fazem de melhor: esvaziaram o vazio.

E o que há de novo depois de tantos dias? Infinitas razões para comprovar que não foi uma “suposta epidemia”, tratava-se desde sua gênese de algo devastador e para além dos limites “eurocêtricos” e excludentes que desconsideraram a existência de realidades diferentes, em suas desigualdades e injustiças para além de seus quintais ou apartamentos refinadamente decorados.

Outros números continuam a se apresentar diariamente e na casa dos milhões<sup>5</sup>, junto a estes, nomes, rostos, histórias, lembranças, dores e desamparo. O que nunca foi um problema exclusivo de soberanias e governos, deste ou daquele país, encontrou no Brasil correspondência com esses pensamentos elitistas e xenofóbicos. Somos duplamente atingidos, de um lado a pandemia e seus impactos em nossas vidas e modos de existência, e de outro o “desgoverno” e sua incapacidade e determinação no desmonte do sistema público de saúde, justamente em um momento em que se faz prioritária a assistência aos que menos condições possuem.

Certamente, também nos preocupamos com um “depois”, ainda que incerto. Nesse momento, incapazes de prevermos que caminhos

---

5 Na data de 15 de julho de 2020 registrados aproximadamente 14 milhões de mortos no mundo, cerca de 75 mil mortos no Brasil, de acordo com dados divulgados em sites especializados.

o mundo, em toda sua dimensão, irá tomar, nos recolhemos e sobrevivemos. Interessante pensar que justamente a China e seus morcegos avançam para “um novo normal”.

No entanto, um pensar egocêntrico, da varanda ensolarada de um apartamento qualquer, em nada condiz com a dura realidade daqueles que sequer projetam o amanhã, tamanha a insistência do presente, seja pela fome, pelo medo ou pelo desespero e angústia do abandono.

Talvez, o que pese para alguns, é a ideia de um nivelamento, de um estar no lugar do outro, de ter seus privilégios descartados, justamente por algo invisível a olho nu, ser confrontado com sua pequenez e fragilidade, suscetível a mesma enfermidade que aqueles que sequer conseguem ler suas “verdades” e visões das “sombras” publicadas e aclamadas pelos seus pares. O vírus não reconhece títulos. Mas, “e daí?”

De tudo, e contudo, aprendemos e crescemos. Isolados, nos conectamos com nossas verdades e inseguranças, incertezas e fraquezas, desejos e esperanças. Concordar com o indefensável não está em cogitação. Se para alguns é dado o privilégio de pensar além de sua sobrevivência, em mim inscrevem-se algumas dezenas de nomes que nesses meses deixaram de existir. Suas ausências alimentam o espírito de resistência e resiliência. “Onde há relato, o fogo se apagou; onde há mistério, não pode haver história” (AGAMBEN, 2018, p. 34), pois o fogo arde e não há mistério algum, é histórico, são histórias, são vidas!

Enquanto o fogo arde, renovo minhas forças com a sopa de mocotó.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. O fogo e o relato: Ensaio sobre criação, escrita, arte e livros. São Paulo: Boitempo, 2018.

## Autores

### **Ceila Teresinha Bitencourt** (Santa Maria/RS 1972- )

Doutoranda (2020) e mestre em Artes Visuais (2017), pelo PPGART/UFSM. Possui graduação em Artes Visuais (bacharelado e licenciatura plena) pela UFSM (2000 e 2002). Membro do Grupo de Pesquisa Arte e Design/CNPq (2014-). Tem experiência nas áreas de Artes Visuais (com ênfase em Desenho e Pintura), Arte e Tecnologia e Cinema de Animação. Pesquisa Cinema Documentário. Participa do MOVIOLA Laboratório de Estudos, Pesquisas e Produção em Memórias e Narrativas Audiovisuais/CNPq (2017-).



### **Cristina Landerdahl** (Santa Maria/RS 1977- )

Doutoranda em Artes Visuais (2020) e Mestre em Artes Visuais pelo PPGART/UFSM (2018). Membro do grupo de pesquisa Arte e Tecnologia/CNPq e do LABART (2015-). Desenvolve pesquisa em História, Teoria e Crítica da Arte Contemporânea, com ênfase na atualização e preservação de obras de arte computacionais. Bacharel em Desenho Industrial pela UFSM (2001). Foi curadora de exposições em Santa Maria/Brasil, também na Argentina e Paraguai. Suas áreas de interesse são Arte Contemporânea, Arte e Tecnologia, Preservação e Atualização de obras de Arte Computacional.



**Kalinka Malmann**  
(Santa Maria/RS 1984- )

Doutoranda em Artes Visuais (2020) e Mestre em Artes Visuais pelo PPGART/UFSM (2018). Bacharel em Artes Visuais (UFSM/2010). Atualmente é membro do LABINTER. Autora do projeto de extensão “Ativação da cultura indígena por meio de práticas colaborativas em arte, ciência e tecnologia”, com apoio do Observatório dos Direitos humanos (UFSM). Membro do grupo de pesquisa InterArtec CNPq (2015-). Artista multimídia, atua em projetos experimentais de Arte que fomentam a criação de redes colaborativas em grupos sociais.



**Marcella Nunes Rodrigues**  
(Porto Alegre/RS 1990- )

Doutoranda em Artes Visuais (2020) e Mestra em Arte Visuais pelo PPGART/UFSM (2019). Graduada em Dança-Bacharelado em Dança na UFSM. É Pesquisadora e Colaboradora do LAPARC (Laboratório de Performance, Arte e Cultura) e do Grupo de Pesquisa Performance, Arte e Cultura/CNPq. É Performer, Bailarina e tem suas pesquisas voltadas para o Estudo da Performance Arte.



**Matheus Moreno dos Santos Camargo**  
(Santa Maria/RS 1980- )

Doutorando (2020) e Mestre em Artes Visuais pelo PPGART/UFSM (2016). Artista multimídia e pesquisador junto ao Laboratório Interdisciplinar Interativo - LabInter/CAL/UFSM (2012-) e Grupo de Pesquisa e Criação InterArTec/CNPq. Arquiteto Urbanista graduado pela Universidade Franciscano de Santa Maria - UFN (2011), Bacharel em Artes Visuais pela UFSM (2008). Autor do projeto Imagem E.F.E.M.E.R.A - Exibições FullDome e Experiências com Mídias Emergentes e Realidade Aumentada (2016-).



**Milena Duarte Corrêa**  
(Três Passos/RS 1996- )

Doutoranda em Artes Visuais (2020) e mestra em Artes Visuais, linha de pesquisa Arte e Cultura - PPGART/UFSM (2018). Graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela mesma universidade. Integra o grupo de pesquisa Desenho e Pintura: procedimentos técnicos e fundamentos iconográficos da arte figurativa/CNPq. Desenvolve pesquisa em história, teoria e crítica da arte com interesse em arte contemporânea, estudos de imagem e iconografia.



**Tainan Silva do Amaral**  
(Rio Grande/RS 1994- )

Doutorando em Artes Visuais no PPGART/UFSM (2020). Mestre em Educação pelo PPGE/UFSM (2018). Licenciado em Artes Visuais - Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Integrante do LASUB (Laboratório de Arte e Subjetividades). Professor de Arte - Anos Finais - na Escola Marista Santa Marta, Santa Maria/RS. Pesquisa na área de Artes, com ênfase em História e Teoria da Arte e em Arte-educação.



**Valdemir de Oliveira**  
(Júlio de Castilhos/RS 1972- )

Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais PPGART (2020) e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (2004). Bacharel e Licenciado em Desenho e Plástica - UFSM. Membro do Grupo de Pesquisa Arte e Design/CNPq - UFSM. Professor da Universidade do Estado do Amazonas - UEA. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Intercidade - UEA. Arte-educador, artista visual e performático.





## Organização

### **Nara Cristina Santos**

Pós-doutorado em Artes Visuais/UFRJ. Doutora em Artes Visuais/UFRGS com estágio na Universidade Paris 8, França. Professora do DART/PPGART/UFSM. Pesquisadora em História, Teoria, Crítica e Curadoria, com ênfase transdisciplinar em Arte-Ciência-Tecnologia. Coordena o LABART e lidera o grupo Arte e Tecnologia/CNPq. Tem convênios, projetos e publicações no Brasil e no exterior. Consultora da CAPES para área de Artes. Integra o Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA) e a Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP).



## Prefácio

### **Darci Raquel Fonseca**

Pós doutora em Artes Visuais / Universidade de Paris 8, doutora em Artes e Tecnologia das Imagens Universidade de Paris 8 / Artes Visuais/UFRJ, Professora do DART/PPGART/UFSM. Professora de fotografia: confluência da arte ciência e tecnologia. Coordena o LabFoto e o Grupo de pesquisa em fotografia/CNPq, tem publicações e expõe no Brasil e no exterior. Membro do laboratório LARA SEPPIA e integrante do Comitê de Tese da Universidade de Toulouse Jean Jaurès/ França.



# COLEÇÃO Alpha

REALIZAÇÃO



PPGART  
UFSM



CAL  
Centro de  
Artes e Letras  
UFSM



**PPGART**  
editora